

Hoje, a maioria dos adultos que têm, por algum motivo pessoal ou profissional, contato com crianças e adolescentes, não consegue deixar de sentir-se pelo menos um pouco responsável pela sua educação sexual. Não sem razão: desde que a AIDS surgiu para ficar-pelo que parece por um bom período-, a grande arma que se tem em mãos é a prevenção. Mesmo agora que uma nova combinação de drogas parece estar trazendo mais esperança de sobrevida com qualidade para muitos portadores do HIV que já a tinham perdido, a prevenção continua sendo a única alternativa para evitar os sofrimentos que a contaminação provoca. Contribui ainda para esse sentimento de responsabilidade o fato comprovado do aumento da gravidez precoce e indesejada entre adolescentes.

Sim, temos problemas com sexo. Sempre eles existiram e sempre existirão. Às vezes com maior intensidade, às vezes com menor, mas eles sempre vão estar por aí. E quem são, afinal, os responsáveis por uma educação sexual que permita uma visão consciente da sexualidade, a fim de que a sua vivência possa proporcionar mais saúde e bem-estar e menos sofrimento e dor?

'Psicóloga, colunista dos jornais Folha de S. Paulo (Folhateen), Notícias Populares e das revistas Todateen e Pontonet, autora do livro Sexo, Prazer em Conhecê-lo, 1995, Ed. Artes e Ofícios.

Claro que os primeiros e principais responsáveis são os pais, pois é desde o nascimento que a educação começa, inclusive a sexual. E quem são os adultos que, pelo menos em tese, deveriam aliar-se aos pais nessa difícil tarefa de educar? Os professores, claro! Principalmente hoje em dia, quando a maioria das mães necessita trabalhar e deixa os filhos, desde muito cedo, nas escolas. Essa é a melhor alternativa, claro, mas nem sempre a possível. Muitas crianças ficam fora da escola, tendo como babá e educadora exclusiva... a TV!

Antes que o tema sexo e TV comece a estimular discussões e que o veículo se transforme logo em bode expiatório, pausa para tomar um fôlego: não vamos ser hipócritas. Permitimos que nossas crianças assistam a filmes e mais filmes de violência, com muito sangue e assassinatos, mas, quando ouvimos a palavra **sexo, trememos** na base. Por acaso responsabilizamos a TV pela violência nossa de cada dia? Não: a maioria tem clareza de que os responsáveis possuem outro nome e sobrenome, e que variam conforme a ideologia ou classe social de quem os elege. Mas via de regra são a má distribuição de renda, a miséria, o desemprego, o descaso do governo, a ausência de punição para quem viola a lei etc. De TV, quase nunca se ouve falar, a não ser em algumas teses especializadas e diálogos impertinentes.

Voltemos ao tema educação sexual e seus responsáveis. Os pais iniciam essa educação sexual como? Quase sempre na maior solidão, sem poder contar com quem quer que seja nessa árdua tarefa. Quer dizer, sozinhos não: geralmente estão acompanhados por suas experiências pessoais, seus valores, seus medos, tabus, preconceitos e anseios em relação aos filhos e outros itens do gênero. E todo mundo sabe que isso tudo só atrapalha. Como diz o sábio ditado, antes só do que mal acompanhado. O problema é que, nesse caso, não temos escolha.

E qual a esperança de muitos pais que se esquivam do assunto quando estão com os filhos ou, pior, acreditam que falharam com eles? A escola! Lá, pensam eles, os professores poderão, com o saber que têm, dar a melhor orientação e as informações corretas sobre a sexualidade. Oxalá pudessem! Mas mesmo quando essa expectativa não faz parte do mundo de alguns pais que, ao contrário, acreditam que esse assunto não é de responsabilidade da escola (de quem seria, então?), mesmo assim existe um fato que não permite que os professores fiquem livres dessa: os alunos.

Sim, os alunos querem saber da coisa, querem falar da coisa, querem provocar os adultos com a coisa; mais: querem contar piadinhas sobre a coisa, cantar músicas que falam da coisa. E, aparentando a maior inocência, coisa que geralmente já perderam há tempo, fazem perguntas indiscretas e esperam as respostas dos mestres.

Do Mestre, com Carinho?

Como reagem os mestres? Com carinho? Vamos entender por carinho, aqui, as possibilidades que os professores têm para ouvir, por trás da malícia, a curiosidade, a vontade de saber, a precisão de informações para o exercício da sexualidade que já se iniciou, a maioria das vezes precocemente, a necessidade de um agir rápido ante alguma situação inesperada e carregada de tensão envolvendo a sexualidade.

Vamos entender por carinho também a disponibilidade pessoal do professor para atender às demandas que recebe em relação ao assunto. Mais: vamos entender por carinho a possibilidade de o professor aplicar a formação que recebeu para ser multiplicador de preciosas informações e atitudes que irão contribuir com a vida prática de seus alunos.

Mas infelizmente, em lugar de carinho, o professor tem é carência. Carência de informações, carência de formação especializada, carência de conhecimentos na maneira de abordar o assunto com crianças e jovens em cada etapa específica do desenvolvimento. E ao se defrontarem com sua carência, como encontrar carinho para responder aos alunos? O que resta, para muitos professores, é expressar afeto ao responderem como podem quando se defrontam com as situações. Mas é de mais, de muito mais o que os alunos precisam.

Primeiro que o afeto dos mestres pelos alunos já pode começar estragando a grande chance que eles têm de serem diferentes dos pais. O que os pais querem para os filhos? O bem deles, é claro: uma vida saudável, feliz, realizada. E poderia ser diferente? O grande problema é que o bem que os pais querem para os filhos nem sempre leva em consideração os filhos, com seus modos particulares de viver e pensar, os valores que ainda estão se formando, a busca do próprio caminho. Quase sempre esse bem tem como referência a vida dos próprios pais, e essa diferença pode alienar. O jovem, é claro. E pode, muito mais do que se pensa, transformar-se em dificuldade na educação sexual.

Pois bem, quando um professor, no contato com os jovens, reproduz esse esquema dos pais e passa, também, a querer que seus alunos se dêem bem na vida, inclusive sexual, tudo o que poderia acontecer de positivo no desenvolvimento do aluno, nessa área, pode-se transformar no contrário. Vamos para um exemplo que pode esclarecer melhor essa dinâmica.

Uma jovem adolescente de 12 anos pergunta a um professor, com quem tem um bom relacionamento, em quem confia e, portanto, respeita, por que algumas garotas são chamadas de galinha pelos meninos. Em fração de segundos, que nem mesmo permite que o professor se dê conta, ocorre o pensamento de que a

aluna, de quem ele gosta tanto, precisa aprender a não se comportar como tal. E lá vem sermão: galinha é a garota que não se respeita, que fica com todo mundo, que isso, que aquilo. Tudo com o maior afeto do mestre. Mas sem carinho. Pois, caso a garota identifique o próprio comportamento com o conceito expresso pelo professor ou tenha sido chamada como tal ou venha, algum dia, a se comportar assim, vai-se considerar uma galinha. O preconceito é ratificado pelo mestre. Que pena! Ele, sem perceber, acaba de contribuir para que a garota fique mais submetida ainda a valores exteriores a ela mesma e não estimulada a questionar os já existentes e buscar os seus.

Um outro exemplo para ilustrar melhor a situação e permitir que os professores possam perceber tudo que está em jogo em um diálogo simples e curto sobre a sexualidade com seus alunos: Uma garota confia à sua professora preferida que uma grande amiga engravidara e, tendo tentado um aborto doméstico, havia ido parar no pronto-socorro, com hemorragia violenta. A garota está angustiada com a gravidade do estado de saúde da amiga e busca conforto e suporte junto à professora, que percebe o pedido e se dispõe a conversar com a aluna, com maior afeto.

Pois bem, tudo perfeito até aqui, inclusive a disponibilidade pessoal da professora em aceitar exercer mais esta função, a de orientadora, para a qual não tem tempo previsto nem formação. A conversa flui bem, a aluna vai-se sentindo mais aliviada, até que, por convicção e não descuido, a professora diz que a prática do aborto é o assassinato de um filho. Tudo acabado.

O conceito expresso nesta frase supõe uma atitude moral, um valor, uma religiosidade - que a professora, que todos nós temos. Mas que deve ser exercido por nós em nossa vida pessoal, em nosso comportamento. Muitos acreditam que temos a obrigação, principalmente nesta época em que observamos uma falência séria de vida digna e comportamento responsável nos grupos sociais em que vivemos, de expressar e reproduzir a noção de ética. Só que no relacionamento professor-aluno existe uma relação de autoridade. Quanto mais próximo o aluno de seu professor, maior a tendência da identificação.

A questão é que a professora, ao expressar seu conceito de aborto (que ela tem todo o direito de ter), passa-o como sendo definição, o que não o é. A definição de aborto é, simples e objetivamente: interrupção de uma gravidez. Tudo o mais além disso é pessoal.

Agora imaginem vocês como uma frase simples como a dita pela professora pode interferir na vida de quem a ouve. A jovem está apenas começando um percurso próprio de vida. Nesse caminho, ela precisa de informações objetivas

para poder encontrar e criar seus próprios valores e aprender a respeitá-los. A família, ao educar, qualquer que seja o tipo de educação que aplique, impõe aos filhos a observância, até a adolescência, dos valores que julga importantes. É a partir dessa fase que os jovens começam a questionar pais e adultos. "Aborrescentes", "rebeldes sem causa" são expressões que mostram o quanto é difícil para os pais suportar esse rompimento. Mas é preciso.

Usando a autoridade que tem diante da aluna, a professora pode até estar procurando difundir valores nos quais acredita, além de, claro, querer que a aluna veja o aborto como uma situação estressante e arriscada, a ser evitada. O que pretende a professora é bendito, mas a forma é maldita. Ela agiu como mãe, impondo um modo de pensar (e talvez agir, dependendo do grau de confiança que a aluna depositava nela) e perdeu a oportunidade de ser a orientadora, que mostra e questiona todas as possibilidades existentes, mas não abre nenhuma porta mostrando ser esse O caminho.

Claro que estas duas situações são fortes, mas vocês vão concordar que são freqüentes também. As perguntas variam, as respostas se apresentam de formas diversas, mas o que eu pretendo aqui realçar é a dinâmica envolvida nesse processo: alguém que precisa de informações e tem como resposta conceitos carregados de valores e preconceitos, dentro de um relacionamento em que há, explícita e/ou implicitamente, o exercício de autoridade.

Outra situação muito comum de acontecer e que provoca reações emocionais intensas é o mal-estar que professores sentem quando são obrigados a ouvir a chamada linguagem chula, vulgar, que os alunos utilizam quando, desajeitadamente, tentam conversar com professores sobre o tema da sexualidade.

Como já dissemos anteriormente, os alunos já chegam à escola com um arsenal de informações, dúvidas e posturas que trazem de casa. Mas como, ainda, na maioria dos lares brasileiros, o assunto é tabu e não conversado com naturalidade, é mesmo na rua e em conversas sussurradas que nossos pré-adolescentes e adolescentes podem falar com mais liberdade de suas sensações, vivências e fantasias sexuais. Os termos que usam, carregados de sacanagem, são justamente os que mais conseguem expressar o que pensam e o que querem falar. O maior problema é que muitos desses termos foram já arrancados de seu uso sexual original e transportados para o uso da expressão da agressividade.

Costuma ser esse, comumente, o sentimento que a maioria dos professores experimenta quando ouve este tipo de vocábulo: agredidos. E qual costuma ser a reação das pessoas quando agredidas? Agredir de volta, proteger-se, procurar

pedagógicas e tudo o mais que os professores sabem que precisam e sabem, também, que na maioria das vezes não têm.

Professor, escola e alunos convivem em meio a relações complexas de poder e autoridade, mas uma coisa é certa: se o professor não ocupa, ante seus alunos, o lugar de autoridade, não há possibilidade de o ensino acontecer. Os mestres sabem o quanto está difícil hoje manter esse lugar. Vários elementos contribuem para essas dificuldades. Vamos lembrar alguns: a situação social do País, a grande dificuldade dos pais em educar seus filhos, o baixo salário dos professores e seu atual status social - ou melhor, a ausência dele -, o baixo nível de qualidade de ensino nas universidades, a baixa estima dos professores, a má qualidade do patrimônio escolar etc. Disso você sabe muito melhor que eu e o quanto essas dificuldades interferem na relação escola-professor-aluno.

Apesar de os professores, de qualquer ramo do saber, trabalharem com relacionamento, pouco sabem eles da psicologia do desenvolvimento e das relações humanas. Sim, existe a disciplina da educação e outras que, infelizmente, pouco ou nada oferecem de prático aos alunos, futuros professores. Afinal, quando será que a Universidade em especial e as escolas em geral vão se lembrar de que existe uma realidade externa a elas e que é lá que os futuros profissionais vão atuar? E sobre a sexualidade dos alunos, então? Quem é que se lembra ou ousa falar sobre isso com os futuros professores? Tema via de regra solenemente ignorado. Como se isso pudesse, magicamente, fazer com que o fato deixasse de existir. Mas não é o que acontece.

Conteúdo Obrigatório

Na primeira infância, até os seis anos mais ou menos, as crianças vivem uma sexualidade intensa. Infantil, é claro, mas intensa. É óbvio que isso vai surgir na escola e, mais óbvio ainda, que as reações dos adultos ante as atitudes das crianças que expressam essa sexualidade vão ser formativas e educativas.

Dos seis aos nove, dez anos mais ou menos, a vivência da sexualidade fica menos intensa, mas passa a ser verbalizada. A garotada vive nessa época uma fase que eu costumo chamar de escatológica. Eles adoram falar palavrões de caráter sexual e fazer paródias de músicas no mesmo tom. Não foi à toa que o grupo Mamonas Assassinas teve no grupo dessa idade seus maiores fãs. É, faz parte, coisas da vida.

Logo depois, com o início da puberdade, a sexualidade começa a explodir e o adolescente se transforma, literalmente, em um tarado: só pensa naquilo, só quer

fazer aquilo, sonha com aquilo, morre de curiosidade por aquilo, teme aquilo. Isso é inevitável. E como conseguir fazer com que tudo isso seja devidamente embalado e engavetado quando o jovem vai para a escola? Sem possibilidades!

E é aí que a coisa pega: de um lado a expressão dos jovens de uma sexualidade angustiada, sacana, curiosa, e de outro lado a reação dos mestres com suas dificuldades, inibições, perplexidade.

A sexualidade é um dos acontecimentos mais importantes na fase da adolescência. Tudo começa com as mudanças físicas da puberdade, que ocorrem em obediência às leis da natureza. No lugar de um corpo infantil irá surgir um corpo de adulto, que poderá exercer a função da reprodução. Mas não, não é esse o mais importante fato e sim o de que o prazer agora é vivenciado de forma mais organizada, sendo que o núcleo organizador dessa sexualidade é justamente a função genital.

As mudanças físicas que começam a ocorrer nessa idade são, quase todas elas, relacionadas com o referente sexual: o início da vida reprodutiva, representado pela primeira menstruação das meninas e a primeira ejaculação dos meninos, é o pontapé inicial decisivo desse adeus à infância e início da vida adulta. Por isso, natural é que as primeiras angústias da moçada tenham relações com o corpo.

Não é fácil para os jovens conviver com esse corpo que, ao mesmo tempo que é uma promessa de prazeres, é prenúncio de problemas. Lembremos o que a maioria das garotas ouve, ainda, assim que menstrua pela primeira vez: "Tome cuidado pois, de agora em diante, você já pode engravidar!". Ameaça terrível que pode ter como objetivo o retardamento da prática sexual genital, mas que acaba por ter um efeito exatamente oposto: o de aguçar a curiosidade por essa misteriosa vida adulta. Os meninos, por sua vez, começam a sentir a parte do peso da responsabilidade que lhes cabe no assunto: a obrigação de conseguirem dar conta do recado.

É, a barra já começa pesada para eles. E como a angústia da dúvida sobre a normalidade dos acontecimentos se instala para a maior parte deles, acontece de a maioria não conseguir dar conta de esperar calmamente pela definição das transformações para a checagem final. "Será que sou normal? Meu corpo está louco ou sou eu que estou ficando? Isto deveria estar acontecendo mesmo ou é consequência de algo que fiz e não deveria ter feito?" Essas perguntas e muitas outras que têm como base as mudanças físicas que estão ocorrendo tumultuam a vida toda dos adolescentes, e, para que possam se ver livres delas, perguntar é preciso.

Não é difícil que as perguntas, que estão atoladas na garganta e apertando o coração, apareçam de forma rude, desajeitada e em hora inoportuna. Mas existe

uma situação que facilita sobremaneira a expressão delas: as aulas de Biologia. Quando o professor de Biologia dá suas aulas, começa a parecer aos alunos a pessoa mais indicada a acalmar suas ansiedades em relação ao corpo, pois demonstra, ao vivo e em cores, que sabe o que se passa com o corpo, dentro e fora dele. Dependendo do estilo do professor, ele pode inibir ou estimular o aparecimento dessa dúvidas.

Mas o que o professor precisa entender, e isso não é fácil, é que as perguntas apontam a necessidade de um parêntese nas aulas, que seguem um determinado conteúdo e exigem avaliação. Mesmo que as perguntas se relacionem com o assunto que está sendo tratado nas aulas, elas não estão expressando a vontade de saber mais e melhor sobre a disciplina, como muitas vezes o professor entende ou gostaria que fosse. Elas mostram a vontade de saber que os alunos têm sobre si mesmos, sobre como seu corpo deve funcionar, os parâmetros de normalidade do desenvolvimento, o esclarecimento de alguns fenômenos que vivem de forma agoniada.

Como eu já disse anteriormente, os adolescentes já vêm com informações sobre o funcionamento do corpo, principalmente os relativos à sexualidade, carregadas de preconceitos, medos e tabus. Elas estão tão fortemente arraigadas que funcionam como barreira que impede a entrada das informações corretas que o professor até já transmitiu, instantes antes. Não, não é por falta de atenção que os alunos perguntam o que acabou de ser dito. É por puro impedimento. Além disso, quando o professor passava as informações da Biologia, não era ao corpo de cada um que se referia, mas a um corpo fictício, imaginado, desenhado ou mesmo fotografado e que servia apenas como apoio didático para as aulas: o corpo humano. Mas o que os alunos querem saber é do corpo humanizado. É esse corpo que se excita, que sofre; é nesse corpo que se localiza a sexualidade.

Essas aulas funcionam como iscas que fisgam as dúvidas dos jovens. E mesmo tendo de repetir uma, duas ou outras tantas vezes, é muito importante que o professor permita ao aluno o uso desse espaço. Tão importante quanto isso é o professor procurar tentar, também, humanizar as informações que transmite quando responde aos seus alunos. Mas o que significa isso?

Significa resistir à tentação de, simplesmente, repetir o que já disse da mesma forma como foi dito; significa o professor baixar a guarda e tentar sair do lugar que ocupa, que é o de quem sabe; significa usar uma linguagem diferente da que está acostumado a usar quando dá suas aulas; significa não ficar ansioso em ter de responder; significa, e isso é o mais importante, saber ouvir e perguntar. Sim, perguntar e perguntar, pois antes de tudo o aluno precisa conseguir localizar suas dúvidas e suas curiosidades para, depois disso, conseguir formular sua questão. Auxiliar o adolescente a fazer a pergunta certa

ou a encontrar o meio de conseguir obter as informações mais adequadas para que possa refletir, questionar, contestar: esse é o melhor caminho a ser trilhado pelos professores, e não só os de Biologia, quando o que está em questão é a sexualidade.

Tenho um exemplo que ilustra de forma rica uma situação desse tipo. Convidada por uma escola a conversar com alunos da 251 série do 2º- Grau sobre dúvidas a respeito da sexualidade, coloquei-me à disposição dos alunos para conversar sobre as dúvidas que tinham. Isso aconteceu no horário das aulas de Biologia, claro! A maioria das escolas acredita que esse é o melhor espaço para se falar sobre a sexualidade, o que nem sempre é verdade.

Bem, de início timidamente e pouco a pouco com maior facilidade, os alunos foram fazendo suas perguntas até que entramos no assunto preferido deles nessa idade: a prevenção da gravidez e os métodos contraceptivos. Foi muito interessante observar que não apenas as alunas queriam saber sobre isso, mas também os alunos. A certa altura um aluno me pediu que explicasse melhor como funcionava o método da tabelinha.

Antes de sair explicando sobre o ciclo menstrual e o método de se procurar determinar o período fértil da mulher, perguntei ao aluno o que ele sabia sobre o método. Ficamos todos perplexos com a resposta: os colegas do aluno, eu e, mais ainda, a professora de Biologia da classe, que estava presente. O aluno nos informou que achava que a tabelinha era um objeto que, colocado dentro da vagina, impedia a concepção. Claro que a reação de todos foi a de gargalhar.

O aluno estava fazendo uma grande confusão entre vários métodos e, com outras perguntas, pude chegar à origem da dúvida do garoto: ele não havia entendido até o momento o que era um método contraceptivo, muito menos o que era ciclo menstrual e período fértil. Essa era, na verdade, a pergunta que ele deveria estar fazendo, mas nem ele sabia disso. Chegando, finalmente, ao desconhecimento, foi possível transmitir as informações necessárias. Caso eu tivesse respondido à primeira pergunta do aluno, certamente as informações ficariam perdidas e ele continuaria sem saber o que realmente precisava saber.

Vale aqui descrever a reação de uma das colegas do aluno à resposta dele sobre a tabelinha. Assim que a classe se acalmou um pouco depois da resposta do garoto, ela falou a ele que os tempos haviam mudado e que, dados os avanços da tecnologia, as mulheres não usavam mais a tabelinha na vagina e sim máquina calculadora.

Estou registrando aqui essa reação porque ela aponta para um modo importante de trabalhar o tema da sexualidade com os adolescentes. Estou falando do tom

bem-humorado ao abordar o tema. Claro que a resposta da garota tinha mais que bom humor: era plena de ironia. Mas, como colega, ela tinha com o garoto uma relação horizontal e, por isso, sua resposta não iria provocar graves consequências.

O professor, que tem com os alunos uma relação vertical, já não deve usar, muito menos abusar, da ironia, pois isso pode provocar um sentimento de humilhação no aluno. Mas o bom humor, sempre que possível, deve ser usado. Primeiro porque é a melhor forma de as informações serem apreendidas, pois desse modo é mais fácil de se conseguir ultrapassar as barreiras das resistências emocionais ao tema. E, segundo, porque ajuda a aliviar o clima, sempre tenso, que surge quando se fala sobre a sexualidade.

Os alunos precisam, também, que o professor se lembre de que a sacanagem e a malícia fazem parte do sexo. Principalmente na infância e na adolescência, quando muito eles falam ou gostariam de falar sobre o tema. Essa é uma das partes mais difíceis de os professores entenderem e aceitarem. Qual professor não gostaria de ver os alunos tratarem o tema com respeito? Mas que respeito é esse que esperamos dos jovens quando o tema é sexo?

Não podemos esperar que eles ajam de modo asséptico quando falam da coisa que pode dar prazer. Não, é preciso aprender a entender e respeitar que falar da coisa, mesmo quando de forma angustiada, pode dar prazer. Quando o aluno percebe que isso é respeitado, vai, pouco a pouco, aprendendo também a respeitar a si e ao outro, ao ambiente, e percebendo os limites que as situações impõem. Mas não esperem que isso aconteça dentro de um prazo curto!

Os jovens começam a vivenciar a sexualidade adulta na adolescência, mas já desde a infância convivem com vários estilos de condutas e formas de encarar a sexualidade. Nossa cultura é bastante heterogênea nesse sentido, apesar de compartilhar muitos valores e (pré)conceitos. E só com o tempo poderemos perceber o quanto impregnado está o jovem de estilos que não são seus, mas, também aqui, é preciso tempo para mostrar a ele que existem outras formas de perceber e viver a sexualidade e que ele pode ter escolha.

Não, não é fácil a realidade que os professores enfrentam na rotina do seu trabalho, nessa convivência muitas vezes penosa, mas muitas vezes gratificante também, com pessoas cheias de vida, de entusiasmo, de alegria, mas também sem esperanças, sem boas perspectivas de futuro e sem projetos para canalizar sua criatividade e energia e sem utopias para acreditar.

Ao Mestre, com Carinho

Todos nós temos nossos problemas, dificuldades, inibições e angústias com nossa sexualidade. E quando nos defrontamos com a sexualidade de um outro, quase sempre a nossa vem à tona. Mas é possível (e é preciso) aprender que para trabalhar com a educação sexual dos jovens não é necessário que tenhamos a nossa perfeita. Aliás, isso é impossível.

Quase todos os professores trabalham com a educação sexual de seus alunos, mesmo quando não se dão conta disso. Para que as consequências desse fato sejam positivas para todos, é preciso que os mestres tomem consciência do fato. Esse é o único caminho que permite o crescimento, para ambos os lados.

O primeiro passo é reconhecer que a vida sexual é complexa e que não existe um caminho que possa ser considerado correto ou normal. O modelo pessoal de cada um de nós não pode ser tomado como referência para os outros, nem mesmo quando ele é compartilhado pela maioria das pessoas.

Ter uma visão positiva da sexualidade, hoje em dia, não está sendo fácil: estamos sendo bombardeados de todos os lados pelo assunto, que tem sido tratado de todas as maneiras possíveis. Como está sendo muito difícil alcançar a satisfação e o prazer nas outras atividades da vida, estamos tentando nos convencer de que a chance está em jogarmos todas as nossas fichas para alcançar o prazer da vida na prática sexual.

Isso é uma ilusão, mas são justamente os jovens que estão arcando com o custo mais alto dela. Eles estão iniciando a prática sexual muito cedo; claro, não estão tendo a oportunidade de viverem a infância! Eles estão praticando o sexo sem as devidas precauções e cuidados; claro, eles não conseguem, ainda, projetar a vida no futuro. Eles estão banalizando o sexo? Mas a vida não está sendo banalizada?

O papel do professor como agente da educação sexual é importante, mas tem limites. Por isso o professor não deve desesperar-se quando não consegue interferir em um processo já instalado. Admitir esse limite talvez seja justamente a condição que irá permitir a possibilidade de algum trabalho efetivo.

E sempre é bom saber que podemos errar, falhar, vacilar a qualquer momento. Reconhecer nossos limites pessoais também é fator da maior importância, pois é o que vai permitir que tenhamos humildade acerca do que sabemos de nós mesmos e do que nos habita sem autorização nesse mundo cheio de mistérios e segredos, que é a nossa sexualidade.

Ninguém vai conseguir livrar-se de todos os seus preconceitos a respeito da sexualidade; mas é possível aprender a suspendê-los quando nos relacionamos com as pessoas fora do âmbito da vida pessoal e íntima. E é esse o princípio mais importante a nortear as relações dos mestres com seus alunos.

Por último, mesmo pressionado pela realidade e pela demanda que os alunos encaminham em sua direção, pode ser que o professor não consiga encontrar disponibilidade pessoal para atender e ter uma resposta favorável. Se isso acontecer, acate. Essa atitude será muito educativa para seus alunos.

Conhecer os próprios limites, reconhecer a complexidade do tema e exercer seu papel com dignidade: é dessa maneira que o professor pode contribuir para que os alunos possam saber que sexo é natural, que pode dar prazer, mas que, para que isso aconteça, é preciso maturidade e responsabilidade. E que isso não nasce junto com o tesão, mas se aprende.